

miriamleita@oglobo.com.br

MÍRIAM LEITÃO



O país tem, de fato, perdido relevância no diálogo diplomático global, tem deixado de fazer acordos comerciais, está perdendo espaço no comércio mundial

Uma nova oposição

Os ingleses chamam de shadow cabinet e funciona assim: a oposição monta núcleos de especialistas que acompanham assuntos de cada área para fiscalizar o governo, uma espécie de governo paralelo. É isso que o PSDB vai fazer. Esta eleição deu ao partido a derrota e uma nova força. Foi com ela que o senador Aécio Neves entrou ontem no Senado para falar.

Para que a democracia funcione bem, o papel da oposição é fundamental. Afirmarções como as que o senador Aécio fez durante o debate, como o fato de que o empréstimo para o porto de Cuba tem como garantia pesos cubanos depositados em bancos de Cuba, passarão a ser feitas mais assiduamente. No caso em questão, as condições do empréstimo são sigilosas, mas ele conseguiu o documento do Ministério do Desenvolvimento e denunciou durante a campanha.

Ao falar ontem no Senado, o candidato derrotado fez mais do que lamentar. Fez um discurso vigoroso mostrando os erros dos métodos de campanha escolhidos, como as mentiras

que foram ditas, uso “despudorado” da máquina e a manipulação da informação econômica. Principalmente ele denunciou a “intimidação” dos pobres de perda dos benefícios sociais caso votassem nos candidatos de oposição.

Em alguns pontos, foi mais enfático ao dizer o que a oposição combaterá. Uma delas, a corrupção na Petrobras. Quando foi respondido pelo líder do PT, Humberto Costa, lembrou que o próprio senador governista tinha chamado as denúncias que levaram à criação da CPI de “factoide”.

Não se discutiu muito política externa durante a campanha, mas, ontem, o senador criticou o isolamento do Brasil no mundo e a ligação com governos ideologicamente próximos. O país tem, de fato, perdido relevância no diálogo diplomático global, tem deixado de fazer acordos comerciais, está perdendo espaço no comércio mundial.

Ao falar que “comunga” com Marina os ideais da transição para uma economia de baixo carbono, que Aécio definiu como um “imperativo” no mundo de hoje, o senador tenta manter parte do apoio dos eleitores da ex-candidata. Ao mesmo tempo, atualiza o discurso do PSDB na área ambiental e climática. Voltou a falar de Marina no final, quando diz que ela

Os pontos-chave

1

Oposição pretende montar um ‘gabinete paralelo’, formado por especialistas, para fiscalizar o governo

2

Para que a democracia funcione bem, é fundamental que a oposição se fortaleça

3

Discurso de Aécio Neves no Senado foi amparado pela expressiva votação de 51 milhões de eleitores

sua chapa. Deixou claro que não quer recontagem de votos, nem discute o resultado das urnas, e repudiou as ofensas do documento do partido.

No plano racional, ele mostrou como a negação da crise econômica vem sendo desmontada diariamente pelos números e decisões do governo, mal foram fechadas as urnas. E, de fato, há uma coleção impressionante de índices que comprovam os problemas que ele apontou: a inflação que levou a juros mais altos, o rombo fiscal, o déficit comercial, a produção industrial, apenas para ficar nos dados que foram anunciados nos últimos dias.

Com o gabinete paralelo, o que a oposição quer fazer é acompanhar as ações do governo atentamente para criticar com dados e informações concretas. Durante a campanha, o senador Aécio Neves teve a assessoria de um grupo grande de especialistas que tornaram mais exatas e bem informadas as críticas que ele manteve no debate. É com essa disposição que o PSDB quer trabalhar nos próximos quatro anos para fazer, como disse o senador, uma oposição incansável e intransigente.

—
Com Alvaro Gribel (de São Paulo)
oglobo.com.br/economia/miriamleita

ANDANDO PARA TRÁS

Miséria cresce no Brasil e no Espírito Santo

Entre 2012 e 2013, número de pessoas pobres no Estado subiu 65%, segundo o Ipea

▄ A quantidade de pobres e extremamente pobres cresceu no Estado em 2013. De acordo com dados divulgados ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), eram 73.754 pessoas extremamente pobres no Estado em 2012, ou seja 2,01% da população. No ano seguinte, um salto para 122.267 miseráveis ou 3,29% da população, crescimento de 65%.

O cálculo leva em conta o número de indivíduos extremamente pobres com base nas necessidades calóricas. Aquelas com renda insufi-

ciente para consumir uma cesta de alimentos com o mínimo de calorias para suprir uma pessoa de forma adequada, com um custo próximo a R\$ 70, entram na lista

Com relação à quantidade de pobres, mais crescimento. Eram 220.148, 6% da população, em 2012, e 306.241, 8,23%, no ano seguinte. A linha de pobreza considerada pelo Ipea é o dobro da linha de extrema pobreza.

O crescimento na quantidade de pobres e extremamente pobres não era registrado desde a década passada no Espírito Santo. A última vez que o número de miseráveis havia crescido, foi em 2005. A última expansão da quantidade de po-

bres havia sido em 2003.

BRASIL

Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad 2013), o Ipea calculou que, em todo o país, o número de pessoas extremamente pobres passou de 10,081 milhões, em 2012, para 10,452 milhões, em 2013, um acréscimo de 371.158 pessoas entre as pessoas com renda inferior a R\$ 70 por mês. O percentual de extremamente pobres passou de 3,6% para 4%.

Esta é a primeira alta da série histórica do indicador, com início em 2004. Desde 2003 – quando o Brasil possuía 26,24 milhões de pessoas na miséria –, o número

de miseráveis caía continuamente, chegando a uma queda de 61% até 2012.

Não foi o único instituto que constatou um aumento dos miseráveis no ano passado. Os pesquisadores associados do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets) Andrezza Rosalém e Samuel Franco já tinham calculado um aumento do número de miseráveis 6,1% para 6,2% em todo o país no último ano. Os pesquisadores consideram miserável quem tem renda de até R\$ 123, um patamar acima daquele usado pelo governo, de R\$ 70, em 2013.

Em compensação ao aumento da miséria, o número de pessoas pobres caiu de 30,35 milhões em 2012 para 28,69 milhões em 2013 – uma redução de 5,4% em todo o Brasil.

Os dados estão disponíveis no sistema IpeaData desde o dia 30 de outubro. A instituição teria decidido segurar os dados sobre pobreza até o fim do período eleitoral. O órgão alegou que a Lei Eleitoral proíbe a divulgação dos dados até a definição do presidente eleito.



CARLOS ALBERTO SILVA - 27/08/2014

Pobreza

Em agosto, A GAZETA percorreu as regiões mais pobres do Espírito Santo e encontrou pessoas como Vanessa, de 13 anos, moradora da zona rural de Divino de São Lourenço. Na colheita do café, que vai de maio a outubro, a renda de toda a família não chega a um salário mínimo (R\$ 724).

RETROCESSO

▼ Espírito Santo

Eram 73.754 extremamente pobres em 2012. No ano seguinte, um salto para 122.267 miseráveis. A quantidade de pobres também cresceu: de 220.148 para 306.241. Não se registrava expansões nesses indicadores desde a década passada.

▼ Brasil

O país tinha 10,08 milhões de miseráveis em 2012, contra 10,45 milhões um ano depois. A primeira subida em dez anos. O número de pobres, em compensação, caiu de 30,35 milhões, em 2012, para 28,69 milhões, em 2013 – redução de 5,4%.